

**SAGAS JUVENIS DISTÓPICAS DA AMÉRICA LATINA:
ESPAÇO LATINO-AMERICANO, PROTAGONISMO
FEMININO E ESCRITORAS MULHERES**

**YOUNG ADULT DYSTOPIAN SAGAS OF LATIN AMERICA:
LATIN AMERICAN SPACE, FEMALE PROTAGONISM AND
FEMALE WRITERS**

**SAGAS JUVENILES DISTOPICAS DE LA AMÉRICA
LATINA: ESPACIO LATINOAMERICANO,
PROTAGONISMO FEMENINO Y ESCRITORAS MUJERES**

Lais Dias de Farias¹

Resumo: Apresentamos parte da iniciação científica “Sagas Juvenis Distópicas da América Latina: espaço latino-americano, protagonismo feminino e escritoras mulheres” que estuda os imaginários presentes nas trilógicas “Rebelión”, de Anna K. Franco e “Anômalos”, de Bárbara Morais, sagas com protagonistas femininas elaboradas por escritoras latino-americanas. Para a análise investigamos os gêneros da literatura para Jovens Adultos (COATS, 2010; HUNT, 1996), da literatura distópica para jovens adultos (RODRIGUES, 2015; GONÇALVES, 2015; VARGAS, 2013), e aproximamos a literatura de ficção científica com a escrita de mulheres, observando distinções na representação das personagens femininas e como alteram o andamento da literatura distópica.

Palavras-chave: Literatura Juvenil. Protagonismo feminino. América Latina.

Abstract: We present part of the scientific initiation “Young Adult dystopian sagas of Latin America: Latin American space, female protagonism and female writers”, that study the imaginary showed in the trilogies “Rebelión”, from Anna K. Franco and “Anômalos”, from Bárbara Morais, sagas with female protagonists created by female Latin American’s authors. To the analysis we researched the genres of young adult literature, of dystopian fiction and approached the sci-fi literature to the literature made by female writers, observing what changes there was in the representation of female characters and in the dystopian narratives.

Keywords: Young Adult Literature. Female Protagonism. Latin America.

Resumen: Presentamos parte de la iniciación científica “Sagas juveniles Distopicas de la América Latina: espacio latinoamericano, protagonismo femenino y escritoras mujeres”, que estudia los imaginarios presentes en las trilógicas “Rebelión”, de Anna K Franco y “Anômalos”, de Bárbara Morais, sagas con protagonistas femininas desarrolladas por escritoras latinoamericanas. En el análisis investigamos los géneros de la literatura para jóvenes adultos, de la literatura distopica para jóvenes y acercamos la literatura de ficción científica a la escrita de mujeres, observando las distinciones en la representación de las personajes mujeres y como cambian la narrativa distopica.

Palabras-clave: Literatura Juvenil. Protagonismo femenino. América Latina.

Envio: 25/02/2019

Revisão: 25/02/2019

Aceite: 27/05/2019

¹ Bacharel em Letras – Artes e Mediação Cultural. UNILA – Universidade Federal da Integração Latino-americana. laisdfarias@gmail.com.

Introdução

Iniciamos este trabalho fazendo um estudo sobre o gênero da literatura para jovens adultos por meio de um levantamento bibliográfico de teorias sobre o tema. Além disso, investigamos as características principais da literatura distópica, subgênero da literatura de ficção científica que nas últimas décadas tem sido muito utilizado na literatura para jovens e que também caracteriza as obras que fazem parte do corpus de investigação. Depois, empreendemos a análise dos objetos de estudo selecionados, as sagas *Rebelión* e *Anômalos*, observando se estão ou não presentes nelas as particularidades dos gêneros da literatura para jovens adultos, da ficção distópica, e que espécie de imaginários apresentam. Mas antes, precisamos definir o que estamos tratando por literatura juvenil, ou literatura para jovens adultos, para tanto revisamos o que foi elaborado até agora por algumas e alguns estudiosos acadêmicos da literatura infantil e juvenil e, por ser um gênero em constituição, lançamos mão do que a mídia apresenta sobre o gênero de literatura com base no movimento do mercado editorial.

127

Literatura Juvenil e Literatura para Jovens Adultos

Sobre a definição da literatura para jovens adultos o tópico da demarcação das idades do público é um tema que costuma apresentar mais discordância do que o de quais são as temáticas abordadas. Quando o conceito de literatura Young Adult (Jovem Adulto) foi criado “[...] by the Young Adult Library Services Association during the 1960s [...]” (Strickland, 2015, sem página) ele indicava esse gênero para jovens de 12 à 18 anos. Hoje, podemos considerar traços marcantes para distinguirmos o que configura a literatura para jovens adultos. Entre esses, podemos abordar que literatura para jovens adultos é aquela que possui livros em que se “[...] mostram os conflitos de uma personagem jovem em sua transição da infância para a vida adulta, [...]” (Rodrigues, 2015, p. 11). De acordo com Karen Coats, é comum haver distinções nos espaços de estudos entre o que é a literatura para pré-adolescentes e o que é a para jovens adultos, havendo concordância que a idade do protagonista é bastante relevante para essa diferenciação, mas não sendo o fator principal para definir os gêneros literários. Para ela mesma, a literatura destinada para jovens adultos é categorizada pelas complexidades éticas e morais que o texto expõe ao leitor, ou seja:

[...] a book that has what call a closed moral universe; that is, a plot line that features punishment for the wicked and reward for the good, is more likely to be preadolescent, whereas a book that calls that moral universe into question, [...] is clearly YA. [...] YA novels tend to be more interrogative of social constructions, as well as critical of the notion of a responsive universe beyond what might be readily identified as social institutions. (Coats, 2010, p. 322)

Ainda, existem outras particularidades que podemos acrescentar para compreender melhor o que identifica a literatura para jovens adultos. Igualmente relevante para identificar um livro para jovens adultos é a presença de um grupo de apoio ao redor do protagonista, nesses livros é típico que "[...] unlike their adult counterparts, who have problems that they feel they must face alone, the teens have formed a community of support for one another. [...]" (Coats, 2010, p. 319). Ademais, nas obras para jovens adultos "[...] the key player is still, more often than not, a figure who positions him or herself as cultural outsider. [...]" (Coats, 2010, p. 319), sendo uma figura que de alguma forma se opõe aqueles que podem ser identificados como exemplos de pessoas bem ajustadas às normas sociais, demonstrando características de questionamento e crítica à sociedade. Coats também cita o uso do romance e do humor enquanto artifício de engajamento emocional na narrativa. Já Caroline Hunt também ressalta a presença do sexo para indicar um livro para jovens adultos, e inclui o uso de drogas, de modo que para ela "[...] The children's books do not always involve obvious taboos, but the YA ones generally do. [...]" (Hunt, 1996, p. 6). Da mesma forma os livros podem discutir sobre sexualidade além da heterossexual, nos permitindo ver "[...] more gay, lesbian and transgender characters in young adult books [...]", por vezes, com o livro inteiro tendo esse tema como o ponto central a ser enfrentado pela personagem principal.

128

Distopia na literatura para Jovens Adultos

Em relação ao termo distopia, ele geralmente é utilizado para indicar uma "[...] utopia que deu errado, ou a utopia que funciona apenas para um segmento particular da sociedade" (Gordin, apud. Rodrigues, 2015, p. 16). A utopia e a distopia são movidas pelos contextos históricos e pelas ideologias dominantes do momento da suas escritas, o que cria espaço para ambiguidade nesse tipo de obra, ou seja, dependendo da perspectiva do personagem, (ou do leitor, ou do escritor), pode haver a compreensão daquela realidade como utópica ou como

distópica, isso variando muito de acordo com o lugar social que o sujeito ocupa. Devido a possibilidade de ambivalência, é desejável elencar algumas características que vão nos ajudar a definir o que é uma obra distópica.

Ryan sugere quatro características que vão estar sempre, ou quase sempre, presentes na literatura distópica para jovens adultos: “[...] (1) a vivid and well-described setting; (2) individuals of a group in charge with absolute power; (3) a strong protagonist who has been shaped by his or her current situation; and (4) a dismal conclusion that leaves the reader feeling slightly uneasy [...]” (Ryan, 2014, p. 7). Além desses pontos, as distopias podem apresentar tecnofobia, enxergando na técnica a possibilidade de coibir, ou eliminar, a individualidade e a liberdade das pessoas:

Um dos pontos mais importantes das distopias diz respeito ao poder do sistema sobre o indivíduo. O controle do estado é algo que aparece em praticamente todas as distopias, ocorrendo através de mecanismos diversos – seja pela violência ou por sistemas de manipulação e condicionamento que fazem com que a população acredite que os poderes em vigor estão fazendo o melhor para ela. [...] (Rodrigues, 2015, p. 35)

129

As distopias do século passado eram em grande parte sátiras de acontecimentos políticos de relevância naquela época, expressões a respeito do progresso da ciência em contraste com a presença da guerra. Naquele momento, o uso das novas técnicas para atos cheios de “[...] irracionalidade e crueldade [...]” criaram grande receio para com a tecnologia e deixaram muita melancolia no imaginário das pessoas. Em consequência disso, nas obras distópicas daquela época “[...] el fracaso del protagonista es un elemento fundamental [...]” (Vargas, 2013, p. 11), ao contrário do que acontece com as distopias para jovens adultos de nossa época, onde “[...] existe una renuencia mayor a eliminar todas esperanzas [...]” (Vargas, 2013, p. 11).

De acordo com Rodrigues, “A ficção distópica está mais popular do que tem sido em mais de 50 anos. [...]” (2015, p. 10), e segundo Ryan, “[...] there has been a gradual increase in the number of YA dystopian novels since September 11, 2001: the infamous date of the terrorist attack on New York City’s twin towers. [...]” (2014, p. 4). O sucesso das distopias para jovens adultos podem ter sido motivado pela instabilidade social e pela insegurança que se instaurou com os temores da guerra, apesar de ser no nosso tempo ser uma guerra mais distante

fisicamente, a guerra ao terror afeta fortemente o público ocidental que consome essas obras, sendo atingidas mais através da mídia do que de qualquer outra forma. Assim, jovens e adultos, com medos muito parecidos podem utilizar das narrativas dos livros para refletir sobre seus sentimentos, sobre sua ação no mundo e sobre os aspectos de suas realidades que se refletem na narrativa, com o diferencial de que, ao invés, de perderem as esperanças e alimentarem a melancolia, como aconteceu no passado, podem obter “[...] social commentary on current ways of living, which helps teenagers to think about the world if it were to progress on its current track and realize that they can supply the hope that is needed to make a change [...]” (Ryan, 2014, p. 6).

Além disso, os jovens se sentiriam mais conectados com essa literatura “Because emotion is the “driving force in YA dystopian literature,”[...]” (Ryan, 2014, p. 7), e seus interesses estão presentes na literatura “[...] logrando con esto un mayor grado de identificación con el problema y por lo tanto mayor compromiso en su solución, por parte de este grupo etario.” (Vargas, 2013, p. 55), o que “[...] help to “eschew the easy path of political and social conformity” [...]” (Ryan, 2014, p. 4), e que talvez sublinhe “[...] la importancia de la semiótica como elemento gestor de revoluciones. (2010)” (Vargas, 2013, p. 46).

Literatura escrita por mulheres

Ainda é de nosso interesse destacar como a escrita feminina e a presença de protagonistas femininas alteram o andamento da narrativa, em comparação com as distopias clássicas. A questão feminina e as obras distópicas se conectam pelo problema do controle sobre o indivíduo. Nas narrativas distópicas são expostas “[...] as várias estratégias de controle de ideais de todos e cada indivíduo. [...]”, o que inclui o uso da violência física, mas também “[...] a recorrência à violência simbólica que permite este controle e garante a estabilidade governamental.” (Gonçalves, 2015, p. 11). Não que esse controle também não faça parte das experiências masculinas, mas, aqui, nossa proposta é dar voz a perspectiva que foi marginalizada na literatura em geral e no gênero de literatura que estamos estudando.

Parte crucial das distopias e do ato da escrita a “[...] questão da autonomia do sujeito, que se quer agente e não objeto sujeito ao desejo do outro. [...]” (Ferreira-Pinto, 1997, p. 89-90). Sendo assim, podemos supor que nas distopias escritas por homens, com protagonistas

masculinos, o medo tende a ser sobre a possibilidade futura, de ter sua liberdade e sua subjetividade coibidas e manipuladas por uma força exterior, enquanto naquelas narrativas criadas por mulheres, com protagonistas femininas, será somado as projeções de temores futuros a denúncia sobre o assujeitamento, às violências e inibições infligidas ao corpo e à subjetividade que, via de regra, já tem feito parte da experiência de ser mulher ao longo da história. Além disso, podemos observar diferenças entre as distopias clássicas e as para os jovens adultos observando a representação feminina. A objetificação e o esvaziamento da figura feminina é uma característica frequente na literatura da primeira metade do século XX, o que passa a se alterar principalmente nos anos 80, quando mais mulheres começam a escrever esse tipo de literatura e inserem personagens femininas com personalidades mais complexas, em contraste àquelas personagens planas que anteriormente estavam presentes nas narrativas.

Também é interessante pensar a escrita feminina e a criação de universos distópicos em relação porque, em geral, as distopias possuem “[...] El valor simbólico y de denuncia social [...] que permiten entender la realidad a través de un distanciamiento de esta. [...]” (Vargas, 2013, p. 13). Da mesma forma, a literatura dita feminina, ou escrita por mulheres, “[...] se caracteriza [...] como subversiva ao adaptar ou reescrever temas e enredos tradicionalmente masculinos [...] estabelecendo perspectivas incomuns ou oferecendo uma visão alternativa da realidade [...]” (Pinto, apud. Maas, 2005, sem página). Nesse sentido, as duas formas de literatura relatam perspectivas que não são as dominantes, que partem do reconhecimento de problemas sociais gerais da sociedade, sendo literaturas de denúncia por oferecerem “[...] a possibilidade de driblar o poder hegemônico que dita uma história comprometida com seus valores e crenças, [...]” (Cavalcanti, 2011, p. 83), e assim por inúmeras vezes silencia e invisibiliza discursos que não coadunem com o seu.

Ademais, através do ato da escrita criativa as autoras passaram a incluir formatos de narrativa em que “[...] a história pessoal do sujeito feminino questiona a história da comunidade [...]” (Ferreira-Pinto, 1997, p. 84), e pelos questionamentos complexifica os retratos do feminino reproduzidos de acordo com os valores hegemônicos. Dessa forma, o uso de histórias pessoais também aparece nas ficções, sendo comum que nas narrativas para jovens adultos existam protagonistas que relatem suas próprias trajetórias e pensamentos. Isso é um processo que se dá através do “[...] ato narrativo [...]” com “[...] a auto-representação do eu e a

representação da realidade exterior mediada por esse eu. [...]” (Ferreira-Pinto, 1997, p. 92), e ao fazer isso a personagem indaga sobre sua sociedade, a organização dessa e o lugar em que ocupa nela. Ainda, analisando as diferenças entre as distopias clássicas e as recentes, produzidas para jovens adultos, “[...] É interessante perceber que [...]” é “[...] a mulher a ter o papel de salvadora, enquanto as personagens masculinas [...]” tendem a ser “[...] apenas coadjuvantes da ação. [...]”, o que pode nos indicar “[...] o início de um novo paradigma, ter mulheres que podem ser guerreiras e afastadas de estereótipos. [...]” (Rodrigues, 2015, p. 87).

Apresentação das Obras

As sagas escolhidas são duas trilogias: “Rebelión”, de Anna K. Franco (Argentina) e “Anômalos”, de Bárbara Morais (Brasileira). As selecionamos por serem obras recentes com grande número de vendas em seus respectivos países e por terem sido escritas por duas jovens autoras, que possuem estilos diferentes, apesar de escreverem obras do mesmo gênero de literatura. Assim, ao trabalhá-las observamos as características similares e variadas que a literatura distópica latino-americana para jovens adultos oferece.

132

Ainda, cabe uma apresentação das escritoras. A autora de Anômalos, Bárbara Morais, é brasileira, graduada em “Economia pela Universidade de Brasília (UnB). É membro da Aiesec, organização internacional voltada ao intercâmbio cultural e desenvolvimento de lideranças entre jovens [...]” (Gutemberg, sem página). Além disso, é escritora do blog Nem um pouco Épico, sobre cultura pop, e também teve contos publicados em coletâneas. Em 2013 publicou seu primeiro livro, “A Ilha dos Dissidentes”, que também é o primeiro livro da saga Anômalos, que teve cerca de 16 mil cópias impressas. Já Anabella Franco, que escreve também como Anna K. Franco e Anna Karine, é de Buenos Aires, formada e professora de Letras. Em 2012 publicou seu primeiro livro “Malas Intenciones”, e desde então escreve principalmente romances de amor, mas também literatura juvenil e ficção científica. Publicou a saga Rebelión durante o ano de 2015 e a prequela BIOS em 2016.

Na trilogia Rebelión, de 2015, da autora argentina Anna K. Franco, inicialmente, somos apresentados ao universo da saga por meio dos relatos da protagonista Lenah, uma jovem de dezesseis anos, estadunidense, que décadas antes foi criogenizada por ter leucemia e no ano de 2056 é “ressuscitada”, curada e adotada por uma família, composta de pai, mãe e uma irmã

mais nova, que vivem na região da Patagônia Argentina. A trama trata sobre a adaptação, ou inadaptação, de Lenah a esse novo mundo, sobre uma rebelião de clones, sobre o romance dela com o clone Nahier, além de debater a questão da autonomia dos sujeitos, tanto clones quanto humanos, e refletir com frequência sobre a relação da humanidade com a morte e a vida.

No primeiro livro, *Rebelión*, que dá nome a saga, conhecemos Lenah e sua condição de estrangeira nesse espaço, também descobrimos o funcionamento da sociedade em que ela se encontra e conhecemos Nahier que é quem coloca Lenah em contato com a rebelião de clones e que cria um ponto de virada na jornada da protagonista. Quando Lenah se aproxima da realidade de segregação dessa classe de seres humanos, ela fortalece seus questionamentos sobre a sociedade, sobre sua identidade e a relação com o passado. Já o segundo livro, *Alienación*, é escrito da perspectiva de Nahier, o clone rebelado que se torna par romântico de Lenah. No seu relato o vemos começar a entender seus sentimentos recém descobertos e a se perguntar sobre seus posicionamentos políticos e lugar na sociedade, isso em meio às batalhas provenientes da rebelião. O terceiro e último livro, *Abdicación*, é apresentado pela perspectiva de Lenah, Nahier e de Josie e conta os momentos finais da revolução. Josie é uma personagem introduzida no livro anterior, é uma jovem clone, também rebelada, que se questiona sobre os maus tratos infligidos a ela por humanos e busca sua autonomia enquanto indivíduo e cidadã. Assim, ao longo das três obras nos encontramos principalmente com esses personagens e somos guiados pelo universo de *Rebelión* através de suas subjetividades. Como nosso estudo se interessa pelo protagonismo feminino, iremos priorizar os acontecimentos que envolvem Lenah e Josie.

133

Na trilogia *Anômalos*, de 2013, da autora brasileira Bárbara Morais, somos apresentados ao universo da saga por meio dos relatos da protagonista Sybil, uma jovem órfã de dezesseis anos de idade, nascida e criada em uma zona de guerra chamada Kali, algum território que possivelmente é localizado na Índia. A jovem havia conseguido ser incluída num programa de refugiados do governo, no entanto, ela descobre que é uma anômala e por isso é redirecionada para ser adotada por uma família. Sendo assim, a trama trata da questão de Sybil se descobrindo como anômala, da sua condição de refugiada de guerra, sobre as meninas que crescem nessas situações, sobre sua adaptação à família adotiva e à uma nova condição de vida num novo

território, além de elaborar sobre a segregação dos anômalos, sobre disputas políticas e manipulação das massas.

Análises das Obras

Começamos a análise pela identificação de algumas das características que levantamos para qualificar o gênero da literatura para jovens adultos, o gênero da literatura distópica para jovens adultos e os traços da escrita feita por mulheres e do protagonismo feminino.

Por exemplo, a desilusão com a condição da sociedade, junto com o controle do Estado sobre a subjetividade e a liberdade dos indivíduos, são traços típicos da literatura distópica e são a base das narrativas das sagas Rebelión e Anômalos. Na Saga Rebelión eles se apresentam de forma mais agressiva e explícita do que acontece em Anômalos, ao menos num primeiro momento. Visto que a sociedade em que Lenah vive tem a tecnologia hiperdesenvolvida, os elementos de controle que existem dentro das casas, na realidade de Rebelión, exercem um controle contínuo que os indivíduos impõe sobre si mesmos. Já em Anômalos, num primeiro momento temos a impressão de que há mais liberdade, porque esse controle do Estado sobre os indivíduos parece menos frequente e contínuo, já que dentro de suas cidades e casas os personagens parecem dispor de alguma liberdade para se comportar. No entanto, isso acaba por se revelar falso conforme o conflito entre as classes se acirra e esses espaços íntimos que podem ser vistos como “barreiras” contra a intervenção do governo são completamente invadidos.

Do mesmo modo, é presente nas narrativas para jovens adultos o uso do romance para conectar o leitor às outras problemáticas do livro. É interessante considerar que Lenah busca se informar sobre os clones após se encontrar com Nahier pela primeira vez, relatando trechos de livros de sociologia a respeito do tema. Dessa forma a questão da humanidade e dos direitos dos clones passa a ser mediada pelo romance do casal, assim o artifício sentimental serve para engajar o leitor em um tema complexo, que talvez fosse encarado como massante se não fosse tão significativo para a vida afetiva da protagonista, essa estratégia é tão presente na narrativa de Rebelión que é utilizado explicitamente na narrativa quando os revolucionários transmitem imagens de afeto entre Lenah y Nahier para comover a população:

-No era suficiente [...] ni tampoco con una presentación de un partido político desconocido con propuestas que la población considerará una

locura. Había que demostrarles que originales y clones de verdad son uno, [...] que somos todos humanos. Solo estábamos mostrando odio. El amor es mucho más efectivo.
-[...] su momento privado salvará el mundo [...] (Abdicación, p. 274-275)

Em Anômalos o romance também aparece, mas de forma oposta ao que ocorre em Rebelión, a narrativa não depende do envolvimento amoroso que Sybil desenvolve ao longo da história para se manter, já que esse relacionamento aparece com tanta intensidade e frequência quanto às relações familiares e de amizade que a personagem desenvolve, sendo que o motivador secundário, ao invés de ser o namoro de Sybil, é sua origem familiar, quem são seus pais, de onde ela veio... Mesmo a forma com que a personagem lida a maior parte do livro sobre essa questão é bastante diferente da que vemos em Rebelión e revela uma imagem oposta ao estereótipo de jovens mulheres que priorizam os relacionamentos românticos:

[...] não faço ideia de como é ter um relacionamento amoroso ou algo do tipo. Todos os casais que conheço são... amigos. Suspeito que o amor é só um tipo diferente de amizade. (A Ilha dos Dissidentes, p. 82, grifos nossos)

135

Bem como o romance é um elemento relevante para identificar livros para jovens adultos, também o é a condição dos protagonistas enquanto outsiders. Em Rebelión, Lenah, Nahier e Josie são desviantes do padrão da sua comunidade, os dois clones principalmente por sua revolta quanto à opressão sobre sua classe; já a humana, além de se rebelar junto à causa, é uma estrangeira no território, no tempo e na organização social em que se encontra. Em Anômalos, Sybil se identifica como uma outsider principalmente por ser uma anômala, mas mesmo dentro do seu grupo ela se diferencia por ser uma “criança da guerra” o que não possui em comum com nenhum de seus companheiros de escola, além de que ela também se diferencia por ser adotada em sua família.

Mas também, na busca por suas identidades os jovens precisam se diferenciar da subjetividade ditada pelas autoridades. Já nos primeiros relatos de Lenah, em Rebelión vemos a personagem em busca de sua autonomia, característica tanto da literatura distópica quanto da literatura feita por mulheres. Dessa maneira, Lenah aparece em crise identitária desde o

primeiro capítulo da saga, se perguntando por sua identidade, por seu destino e se auto depreciando por não se encaixar nas normas sociais:

[...] Me miro [...] mientras me pregunto lo de siempre: ¿Quién soy? ¿De dónde vengo? ¿Hacia dónde voy? [...] (Rebelión, p. 11, grifos nossos)
[...] Qué difícil se me hace a veces decidir entre mi personalidad y la que desean imponerme. [...] (Rebelión, p. 29, grifos nossos)

Por outro lado, em Anômalos, apesar de Sybil não deixar de demonstrar sua autonomia e de por vezes ter ela reconhecida por outros, para sua personagem é mais importante estar em harmonia com seu meio do que se diferenciando dele. Ao princípio Sybil busca ser autônoma não por uma necessidade de se diferenciar somente, mas por uma dificuldade em manter vínculos emocionais. Isso se mostra em momentos em que ela fala da perda de pessoas com quem convivia em Kali e também quando acaba de encontrar sua nova família adotiva:

[...] A preocupação dela é comovente, mas não quero dar mais trabalho do que já estou dando. Ela vai me alimentar e me abrigar, não precisa se preocupar com as outras coisas. (A Ilha dos Dissidentes, p. 25, grifos nossos)
[...] Nina era uma garota barulhenta, [...] havia sido recrutada e transferida para outra unidade do exército antes mesmo que eu fosse escolhida para vir para cá, e isso era o mesmo que considerá-la morta. Para ela, eu provavelmente também estava morta. Sinto uma dor no peito [...] (A Ilha dos Dissidentes, p. 42)

136

Em outros momentos vemos sua preocupação com a harmonia do grupo por ter como preocupação o bem estar da comunidade em que se envolveu:

[...] O que aconteceria se cada pessoa decidisse agir por conta própria, para conseguir o que quer? Um ataque aos humanos, um ataque ao cônsul só tornaria tudo muito pior para todos em longo prazo. (A ameaça Invisível, p. 61, grifos nossos)

Isso demonstra que do mesmo modo em que a jovem necessita se identificar enquanto indivíduo, separada dos demais, precisa encontrar um grupo de apoio, uma comunidade para fazer parte e que motive reflexões e evolução da sua personalidade. Nesse sentido, encontramos outras características da literatura para jovens adultos, que são: o amadurecimento do jovem

que se percebe em relação ao meio social e as ações em conjunto que levam à transformação da sociedade, em ambas as sagas.

O grupo de apoio, bando ou a tribo, aparece com raridade no primeiro livro de Rebelión, surgindo apenas quando Lenah e Nahier encontram a comunidade anarquista que os acolhe, e ainda assim só Lenah estabelece laços de amizade com a comunidade e se identifica com os demais jovens, principalmente por realizar tarefas em comum e por participar de reuniões festivas, assim, de modo geral, o casal continua sendo o ponto de apoio principal de ambos. Já em Anômalos, o grupo de apoio se faz presente com muita frequência ao longo de toda a saga. Ainda que Sybil tenha algumas dificuldades em lidar com a criação de laços, ela desenvolve muito bem essa particularidade da sua personalidade após ser adotada, se apoiando nos seus pares mesmo quando eles estão ausentes e não só precisando deles em momentos de dificuldades, mas também reconhecendo que só pode realizar certas coisas em conjunto:

Mais uma particularidade da literatura para jovens adultos que descobrimos nas sagas é a frequência dos conflitos éticos e morais pelos quais as personagens passam. Em Rebelión, Lenah inicia sua jornada com um debate interno entre se esforçar em seguir o modelo de comportamento de seus pais ou expressar a sua personalidade confiando nos seus instintos, mais tarde vive o conflito de tentar proteger sua família ou se unir a Nahier na fuga da revolução, ainda depois confronta seus ideais ao viver uma situação em que precisa ter um comportamento oposto ao seu natural para sobreviver junto aos inimigos. Além de precisar confrontar seus ideais humanistas e questionar quando é válido tirar uma vida. Todos debates internos complexos, que acompanhamos através de alguns diálogos e principalmente por meio dos fluxos de pensamento que Lenah no relata:

[...] No puedo ser tan egoísta y dejarme guiar solo por mis sentimientos. Debo pensar en un plan superior a mí, y para concretarlo necesitamos de esos clones, incluso de la que mató a mi madre adoptiva. (Abdicación, p. 182)

Em Anômalos, Sybil também se depara com inúmeros conflitos éticos e morais que fraturam sua confiança nas instituições, primeiro quando descobre sobre as missões suicidas secretas do governo utilizando jovens anômalos, depois quando descobre que seus representantes políticos estão manipulando sua imagem para comover populações, ainda

também vive situações que a desafiam a quebrar normas e padrões de comportamento para alcançar seus objetivos, como quando precisa tirar vidas para salvar a sua e seus companheiros:

[...] preciso encarar a realidade: há pessoas usando meu nome como desculpa para matar outras, e não posso deixar isso continuar. Me sinto traída por todos os lados, principalmente pelo governo. [...] (A retomada da União, p. 22)

Além disso, em *Rebelión* e em *Anômalos* vemos que os relatos partem dos pensamentos de Lenah, Josie e de Sybil, aqui além de encontrarmos uma característica da literatura para jovens adultos, observamos o uso do relato pessoal enquanto meio de aproximar o social do privado, demonstrando um traço da escrita feita por mulheres.

Ainda, podemos observar outra característica da literatura para jovens adultos que surge nas sagas, que é a temática da sexualidade. Em *Rebelión*, desde o primeiro livro Lenah expressa sua atração por outras pessoas e relata a progressão da intimidade física que estabelece com Nahier. Nesse sentido, quando chegam à relação sexual o relato é feito pela perspectiva da personagem e mesmo mais à frente quando os dois discutem sobre métodos contraceptivos a conversa parte da voz de Lenah. Ainda no aspecto romântico e sexual é Lenah que possui mais conhecimento e é ela a ter atitudes mais incisivas, contrapondo as representações típicas da narrativa masculina onde a mulher é inocente e precisa ser guiada pelo homem nesses acontecimentos mais cotidianos:

-Probemos - sugiere.
-¿No tienes miedo? - le pregunto [...]
-Estoy aterrada [...] ¿Tu sientes miedo?
-Mucho. [...]
-Entonces estamos iguales - determina con una sonrisa. (*Alienación*, p. 38)
[...] sí no queremos reproducirnos, tendremos que tomar precauciones.
[...] No importa cuánto lo deseemos, durante esos días soy intocable.
¿Está claro?
[...] su seguridad y el modo que tiene de mantener todo bajo control me hacen sentir orgulloso de ella. (*Alienación*, p. 44)

Tal como a presença do sexo e a discussão de métodos contraceptivos a partir de uma jovem mulher podem ser considerados tabus, a forma que Nahier reage à fala de Lenah também

pode ser considerada desviante da representação típica da masculinidade, por ele não se sentir despojado de masculinidade nesse processo. Essas peculiaridades nos levam a perceber como a escrita de uma mulher e o protagonismo feminino podem alterar o andamento da narrativa e também a representação da masculinidade.

Já em *Anômalos*, a presença da sexualidade se dá de forma bastante distinta. A questão não se apresenta primeiramente pelo interesse na relação sexual, mas pela diversidade sexual do personagem Leon, amigo de Sybil que é homossexual e compartilha com seus amigos seus sentimentos a respeito da questão. Além de por essa perspectiva, a sexualidade se apresenta quando Sybil fala de suas companheiras de orfanato que engravidavam ainda adolescentes. E por fim, no último livro da saga Sybil e seu namorado tem uma relação sexual. A perspectiva que a obra dá sobre o tema é bastante ampla e se dá com naturalidade entre a dinâmica do texto:

– Ele gostava de mim – Leon diz nervoso. – Gostava, gostava. Ele queria que fôssemos mais do que amigos.

[...] – Minha mãe tem um plano bem traçado para minha vida. Ela quer que eu me case, que tenha dois ou três filhos. [...] Eu não podia... (A Ilha dos Dissidentes, p. 163)

[...] me conta que uma menina do abrigo finalmente teve filho, mas ela resolveu dá-lo para a adoção. Além de ser difícil criar uma criança em Kali, tenho quase certeza de que a menina é um ou dois anos mais nova que eu. [...] suspeito que ela provavelmente se envolveu com algum soldado e depois foi abandonada. Não seria a primeira, nem a última. (A Ilha dos Dissidentes, p. 57)

Outra questão que as sagas abordam, é a representação das personagens fugindo ao estereótipo de “donzela em perigo”. Em *Rebelión*, mesmo que em diversos momentos da obra Lenah seja colocada em situações em que precisa ser resgatada pelo seu par romântico, a relação é balanceada por também existirem situações em que Lenah é quem salva Nahier, como nessa cena em que um puma ataca seu companheiro e a jovem apesar de seu medo atira no animal para o proteger:

[...] consigo llegar al arma y apoderarme de ella, pero por un instante tengo miedo de no saber usarla. [...] se encuentra con el puma en medio del trayecto [...] y esta vez lo atrapa bajo su inmenso cuerpo. [...] (Rebelión, p. 229)

-Lo heriste en el cuello y huyo despavorido. [...] (Rebelión, p. 231)

E em Anômalos, Sybil chega a ser reconhecida pelo personagem que mais tarde se torna seu par romântico como alguém que desafia o estereótipo. E além disso, Ava, outra personagem que é representada como mais sensível a respeito de sua feminilidade ocupa o lugar de heroína de todo o grupo:

Ava parece ser o membro mais forte do grupo e o mais preparado para a situação, seguido de Andrei. [...] (A Ilha dos Dissidentes, p. 141)
[...] Ava se sacrificou para nos salvar. Se sacrificou para me salvar. Ela tinha as melhores condições de sair inteira daquele lugar infernal e, ainda assim, ficou para trás até o último segundo para nos defender. (A Ilha dos Dissidentes, p. 158)
[...] – Sybil não precisa de ninguém para salvá-la – Andrei diz e me sinto grata de uma forma esquisita por ele reconhecer isso. [...] (A Ilha dos Dissidentes, p. 50)

Ainda em Rebelión, podemos analisar a representação de feminilidade apresentada por Josie como um todo e chegar a conclusão de que ela também não representa um estereótipo de donzela a ser resgatada. A jovem clone aparece na história quando Nahier volta para um agrupamento da rebelião, lá ela era integrante da principal equipe de ações militares dos clones e fica encarregada de treinar Nahier, e ela, como Lenah, também precisa resgatar o jovem de perigos:

[...] si Josie no hubiera regresado por mí, sin dudas estaría muerto. [...] ella luchó para salvarme. [...] (Alienación, p. 212)

Ainda na sua trajetória, Josie se apaixona por Nahier, mas ao não receber a recíproca a garota deixa claro que seus sentimentos antes de tudo estão voltados para seu bem estar e que ela é capaz de viver sem um namorado, o que contraria qualquer fórmula de narrativa que cobra uma intriga romântica ou uma desavença entre as personagens femininas pelo homem:

[...] más allá de ser mi mejor amigo y de que te quiero muchísimo, no eres más que un chico, ¿okey? Y yo me amo demasiado como para pasar la vida llorando por uno. Tengo otras metas que cumplir que no refieren a ti. [...] no voy a convertirme en la mala de la película que trata de romper la pareja protagonista. [...] No voy a tirar a nadie por las escaleras [...] para retener un hombre, eso sería rebajarme. No voy a

vivir por alguien que no me ama; vivo por mí. [...] (Alienación, 314, grifos nossos)

No fim Josie continua como a melhor amiga de Nahier e se aproxima de Lenah, chegando à um momento em que ela é mais compreensiva com Lenah do que seu par romântico. Ainda na conclusão de sua história, ao ganhar direitos ela é a personagem que mais elabora sua personalidade, se liberta da opressão imposta à sua classe pelo sistema, se desfaz do peso de ser clone ao registrar em cartório o nome escolhido por ela mesma, deixando de ser legalmente Mariah C, e, por fim, cria uma banda de rock composta por clones, originais e ressuscitados, ganhando fama e sendo um exemplo do espírito que surge após a rebelião:

[...] Pasé tanto tiempo siendo una sombra y luego una guerrillera, que ya no sé quién soy, ni cómo sentirme ahora que soy libre. Mi corazón está invadido de una felicidad incomparable, [...] (Abdicación, p. 323)
[...] Parece mentira que hoy Josie se haya convertido en una especie de ídolo, contagiando en los jóvenes la aceptación de los clones, [...] (Abdicación, p. 368-369, grifos nossos)

141

A evolução das duas personagens em *Rebelión* demonstra a complexidade das representações femininas feitas na saga, podemos ver que as motivações das personagens são muito distintas. Cabe, porém, sublinhar que Lenah apresenta dependências ao relacionamento romântico bastante profundas, o que boicota parte da imagem de jovem mulher empoderada que a obra inicialmente busca transmitir, já que sua representação feminina depende de uma figura masculina ou de um par romântico, como a personagem diz aqui:

[...] Yo viví para que Nahier pudiera ser alguien. (Abdicación, p. 321, grifos nossos)

Apesar disso, também é importante ressaltar que a personagem Lenah não perde sua complexidade psicológica nem se coloca passiva ou sem ação sobre o andamento de sua jornada. Mas se por um lado em *Rebelión* temos Lenah que é movida pelo desejo de libertar a sociedade de amarras para poder se relacionar romanticamente com Nahier, em oposição temos Josie que é movida pela busca da conquista de seus direitos humanos.

Podemos contrapor essas questões com o que acontece em *Anômalos* e procurar entender como a outra saga reflete sobre essas questões da dependência do envolvimento amoroso:

[...] Eu recebi um convite. Para fazer parte da Polícia Nacional. [...]
– Você não pode estar pensando em entrar para o serviço militar. [...]
[...] – Não é o Exército, [...] eu tenho escolha, dessa vez. Se não quiser, posso seguir e ser, sei lá, garçonne ou sorveteira.
– Ou cientista, ou senadora, ou qualquer outra coisa que você quiser –
[...] Há opções ilimitadas.
– E uma delas é essa – digo e, quando levanto os olhos, vejo como ele não consegue entender. [...]
[...] eu só queria... que você soubesse que estou pensando no assunto.
(A retomada da União, p. 250-251, grifos)

Sybil demonstra nas últimas páginas que seus desejos podem ser diferentes e mesmo opostos ao do seu par romântico, ela mostra que seus desejos futuros são ligados à fazer algo pela luta por direitos efetivos na vida de humanos e *anômalos*, demonstrando, novamente que uma mulher como jovem protagonista pode ter seus objetivos ideais distantes dos estereótipos que se esperam.

142

Considerações finais

Tanto em *Rebelión* quanto em *Anômalos* somos apresentadas a diversas representações de feminilidade, vemos mulheres com distintas motivações e interesses, que confrontam inúmeros obstáculos e tem relevância o suficiente para alterar o rumo da sociedade em que participam, muito diferente do que acontecia nas distopias clássicas onde a figura da mulher era simples objetos de adorno para o deleite masculino. Aqui as personagens na maior parte da narrativa, afirmam suas individualidades e o controle sobre seus corpos e destinos, são seus desejos que as levam à enfrentar as normas sociais, governos autoritários e grupos contra revolucionários, são seus desejos que as levam a alcançar a independência e a liberdade que buscavam no fim de suas trajetórias e fazem isso junto ao processo de revolução social, que liberta clones e *anômalos* da opressão.

Referências

CAVALCANTI, Vanessa R. S. **As Guardiãs dos Signos: Mulheres da literatura latino-americana.** Dossiê: Literatura contemporânea. Revista Letras e Línguas, v. 12, n. 22, 2. sem. 2011, p. 71-93.

COATS, Karen. Young Adult Literature Growing Up, In Theory. **Handbook of Research on Children's and Young Adult Literature.** Edited by Shelby A. Wolf University of Colorado at Boulder.

FERREIRA-PINTO, Cristina. **Escrita, Auto-Representação e Realidade Social No Romance Feminino Latino-Americano.** Revista de Crítica Literária Latinoamericana, v. 23, no. 45, 1997, p. 81-95. JSTOR, JSTOR. Disponível em: <www.jstor.org/stable/4530893>.

GONÇALVES, Maria A. C. de A. **O feminino distópico: as vozes de Brave New World e de The Handmaid's Tale.** Dissertação de Mestrado em Estudos Literários e Culturais. Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. 2015.

HUNT, Caroline. **Young Adult Literature Evades the Theorists.** Children's Literature Association Quarterly, v. 21, n. 1, Spring 1996, p. 4-11. Published by John Hopkins University Press. Disponível em: <<https://doi.org/10.1353/chq.0.1129>>.

MAAS, Wilma P. M. D. **O romance de formação (Bildungsroman) no Brasil.** Modos de apropriação. Disponível em: <<http://www.caminhosdoromance.iel.unicamp.br>>.

RODRIGUES, Paula Martins. **A narrativa distópica juvenil: um estudo sobre Jogos Vorazes e Divergente.** Tese de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Letras. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Faculdade de Letras. Porto Alegre, 2015.

RYAN, Devin. **Emerging Themes in Dystopian Literature: The Development of an Undergraduate Course.** Honors Theses. Paper 2466. 2014.

STRICKLAND, Ashley. **A brief history of young adult literature.** CNN, 15 de Abril de 2015. Disponível em: <<https://edition.cnn.com/2013/10/15/living/young-adult-fiction-evolution/index.html>>.

VARGAS, André López. **Las visiones distópicas de los derechos humanos en la literatura juvenil del siglo XXI.** Trabajo final de graduación para optar por el grado de magister em derechos humanos. Universidad estatal a distancia. Sistema de estudios de posgrado. Programa de maestria em derechos humanos. San José, Costa Rica, 2013.